

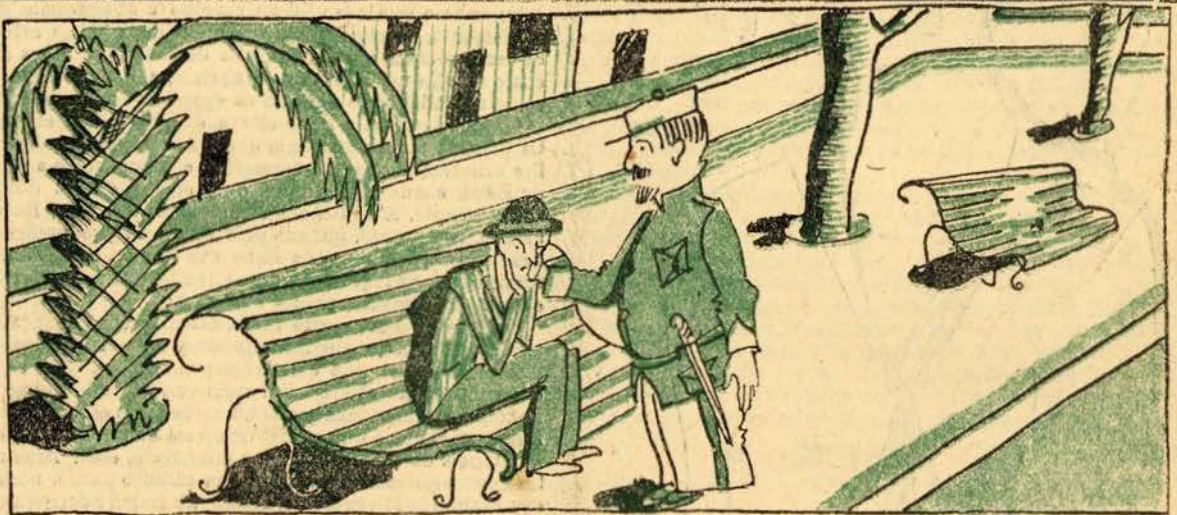


Director literario:
António de Almeida
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo Collaço
 PAPUSSE



A verdadeira historia do Pum POR OLAVO

Continuado do numero anterior

O Pum, que era pessoa de bom coração, acercou-se d'êle e deu-se a conhecer, porque ha muito tempo que não se viam. O outro, que se chamava Anastácio, ficou muito admirado por ver o Pum fardado de policia e pas-

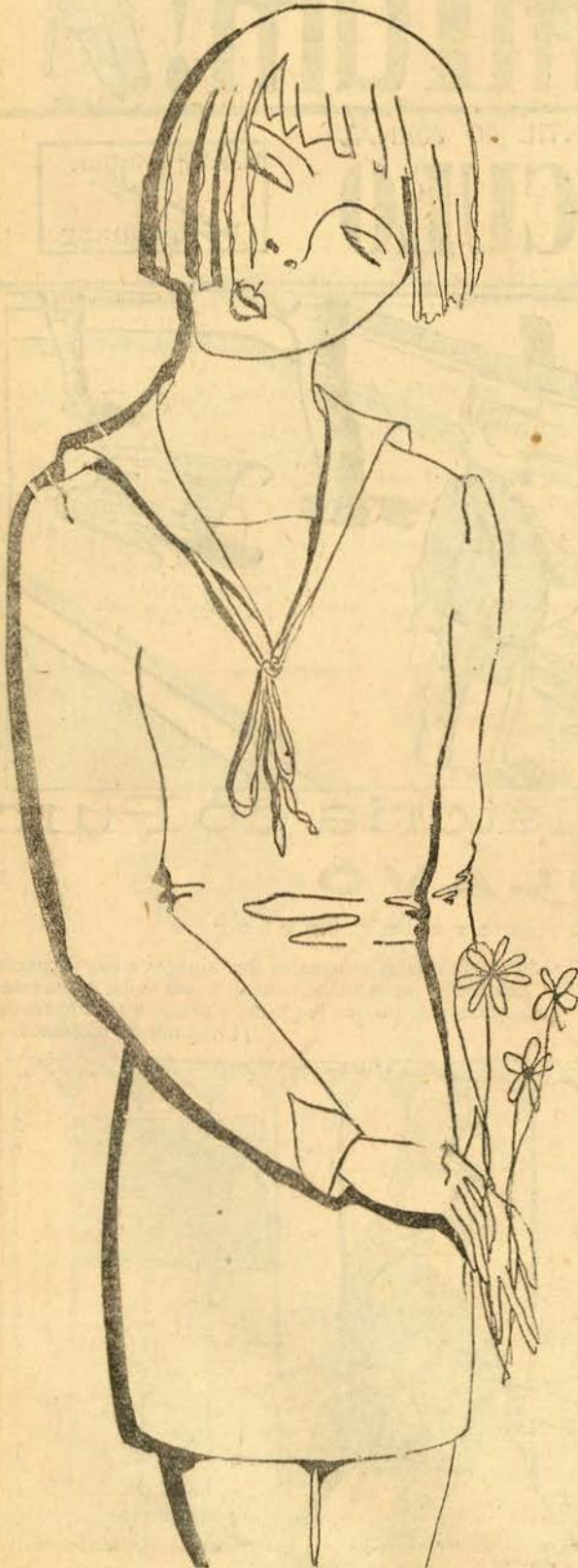
sado os primeiros momentos dos abraços e das surpresas, o Anastácio começou a contar a sua vida. Agora estava muito arreliado porque lhe tinha morrido a mãe havia dois
 (Continua na página 8)



O PRIMEIRO AMOR DE BÉBÉ

POR GUALTER CARDOSO

::: Desenhos de OLAVO :::



BÉBÉ uma pequenita morena e estouvada, de olhos cor de sonho, capazes de dominar um príncipe guerreiro dos mais audazes e heroicos, começava agora a andar triste, desprezara a sua boneca de louça, que, como a Bébé, dizia: papá e mamã, e tinha uma linda cabeleira, ondeada e preta, tão preta como as noites dos «papões»...

Não comia a sopa ao jantar, andava triste, pensativa, já não compunha o seu laço azul ao espelho e abandonara desalmadamente, o polichinelo, o cãosinho de flanela, o arlequim de faces coradas e a bonequinha de louça, de olhos lindos como o sol, que fechavam e abriam, e de cabelos negros como as noites feias em que os «papões» andam à solta...

Decididamente a Bébé estava doente, o caso era grave! Os pais, ao jantar, insistiam que a Bébé comesse, ofereciam-lhe brinquedos, cerêjas vermelhas e frescas como a boquilha de Bébé; e que ela, gluttona e traquinas, dantes devorava sofregamente. A's instâncias cautelosas dos pais, Bébé recusava, e, às vezes, quando elas tomavam proporções mais avultadas, a boquilha de Bébé contraia-se, os seus olhitos diminuiam, as faces coravam, e, numa cara muito feia, ia chorar, em silêncio, para o colo da avó.

Nem o médico, muito velho, atinara com a doença, atormentando a pequenina, obrigando-a a tossir, a respirar, a mostrar a língua, que ela exagerava numa careta, como se escarnecesse dêsse malfetor carrunco, pegando-lhe no queixo com dois dedos tabaqueiros, aparentando pretender engolfinhar as lunetas na boquilha de cereja da Bébé melancólica.

Depois de todo êsse exame minucioso, o dr. Braz receitava umas gotas azedas, vestia um casacão pardo, acendia o seu cachimbo solenemente, animava a mamã e deixava transparecer do seu bigode esta frase:

—Nada de cuidado, ar livre... oxigénio, e não esquecer a «noz vômica», meia hora antes das refeições.

Bébé sentia apenas ganas de despedaçar o côco do dr. Braz, esfancá-lo em bocadinhos, ou colocar uma bomba de Santo António no seu cachimbo irritante.

Não atinara com a doença o ilustre clínico, reputava-lhe um caso banal, sem importancia, nas condições de idade da pequena, e, contudo, Bébé, de uma precocidade arguta, percebera também, «que, os velhos, nada entendem destas «coisas» dos novos», e sofria, sofria muito, como se tivera engolido um peão, que girasse diabolicamente do peito à cabeça, numa dança infernal...

Daquela mal-estar, daquela tristeza perseguidora e cogitações complicadas,—Bébé—bem sabia atribuir a sua causa; e, nas tardes de verão, quando se encontrava sósinha no jardim, junto do repuxo, bela como os amores, mais fresca que uma rosa, e a noite aproximava-se de uma maneira tão vaga, que Bébé sentia, lá muito dentro, como passos de princesa—explicava ela a si própria—dando as coisas uma grandeza maior, e as flores uma impregnação mais intensa.

... Bébé, nêstes momentos, bem pensava que a causa do seu «mal-estar» não se identificaria com uma anterior:—uma indigestão de bombons, que, cautelosamente, ocultára à mamã...

Se estivessemos nos tempos lendários e dourados dos contos de «reis e rainhas», o papá de Bébé mandaria reunir os «físicos» do reino, e prometeria àquele que atinasse com a molestia, a mão de sua filha, a princesa saudosa; mas seria mais fácil Bébé não comer cerejas durante toda a sua vida, tirarem-lhe a sua boneca de olhos tão lindos como duas caixas de brinquedos, cabelo tão negro como as noites dos «papões»... jámais confessaria o seu segredo!

—Avó, conta-me aquela linda historia do príncipe garboso e belo que matou os mouros para casar com a princesa?!

A avó pousou os olhos, espirrou, e, como a netinha estivesse doente, entendeu não a contrariar, e, então, começou desta maneira:

Era uma vez um rei, senhor de um reino muito grande, que tinha uma filha.

O rei era severo e voluntarioso, a princesa docil e meiga como uma fada; quanto a beleza, dizia-se, não haver nas terras mais próximas quem lhe igualasse, dotada ainda de tão bom coração, mais parecia um anjo que filha de rei, tal era a opinião do gentio, sempre que a princesa, no seu passeio matinal, passava pelas ruas e praças, onde generosamente distribuía, por sua própria mão, esmolas e oferendas, remédios e confortos aos pobres e aos doentes, que tanto a veneravam.

Uma vez que a princesa se demorara mais no seu passeio matinal, notou, ao regressar ao paço, um borborinho e atmosfera descostumados; temerosa, a princesa recolheu aos seus aposentos, acompanhada de suas aias; inquirindo a razão de tão estranho misterio, que inundava as paredes solarengas do palacio, como um mau pressagio, informaram-na que el-rei mandara cerrar todas as janelas, e que irascível e intratável, recusava audiência a todo aquele que o desejasse abordar, conde ou plebeu, escravo ou bemfeitor; e, dizendo isto, foi-se o escudeiro, pé ante pé, da camara da princesa. Os tormentos e apreensões em que recaíra a infeliz menina, ninguém o imagina; até que um dia, el-rei, mandou chamar o escudeiro, que participasse a sua alteza que el-rei lhe desejava falar.

A princesa atravessou as naves do castelo, contornou o patio de marmore cõr de rosa, ergue, ao ruído de seus passos, uma revoada de pombos e dirige-se à sala de el-rei. E, qual fõra o seu espanto, reparando que o pai, numa expressão preocupada e carrancuda, uma mão nas costas, outra cofiando as suas barbas, passeava, agitado, de um canto ao outro do salão.

O rei fitou-a, acariciou-lhe os seus lindos cabelos, e falou-lhe assim:

—Nobre princesa, mais bela que a luz do dia, mais formosa que os jardins da Helade e minha extremosa filha; nosso reino, tão grande, que um caminheiro, em cem anos, jámais enxergaria contorna-lo, está agora ameaçado da mais vil invasão dêsse povo cruel e barbaro, a que o gentio chama—mouros,—e que a dignidade de um rei, prefere morrer, a assistir à alucinadora magua da violação de sua patria, e de que as princesas belas como a minha filha, se devem, cautelosamente, resguardar.

Então a princesa ficára muito triste e começara a pensar no seu povo tão bom, dos seus doentes tão queridos, da sua patria tão bela. Tudo aquilo atormentava a filha de el-rei. Então, a idéa de num momento, essa raça negra de mouros invadir o reino, e proceder a infames emprezas, compungia-a.

Por essa altura, vagueava, sem destino, por terras desconhecidas, um fidalgo francês, em busca de amor e aventuras.

Esbelto de semblante, ativo de porte e audaz de lutas e contendas, como um poeta sonhador, numa jornada de quimera, resplandecia na sua armadura brilhante aos primeiros raios de sol, sobre montes dominantes, planicies este-reis e descampadas ou florestas alegres e enramadas.

Dirigira-se o principe errante, sobre o seu cavallo garboso, ao reino ameaçado, e, dirigindo-se ao paço, falou a el-rei:

—A minha divisa é:—Bem-Fazer,—a minha honra, o meu nome e a minha gloria, esta espada.

El-rei prometera ao estranho cavaleiro sob promessa, a mão de sua filha, se afugentasse essa praga atormentadora do reino, como prometera.

O cavaleiro ficara muito contente e prontamente partira, despedindo-se d'El-rei e da princesa por quem logo ficara perdido de amõres.

—E' este o primeiro capitulo duma historia muito bela que a Bébé quando fõr crescida ha, de ler, e que a Avó lhe prometera contar o resto se a menina fõr bonita e comêr tudo ao jantar. E assim acabava a história a Avosinha tendo colocado os óculos de lado e dado as boas noites à neta.

Então a Bébé, na sua imaginação construtora idealisava um principe muito belo, loiro como o sol, valente como o Papá, montado elegantemente num cavallo garboso... em busca de amor e aventuras...

Idealisava, idealisava... até que sonhava com um reino, um paço, a Bébé princeza num jardim de buxo e pavões dourados, um principe louro como o sol, e um mouro feio, e muito mau, que numa concidência admiravel aproximava-se das feições ilagrantes do Doutor Braz.

A Bébé aproximava-se do principe encantado da lenda e sentia uma vaga tristeza às noites apoderar-se de mansinho em passos de princesa, quando a noite toldava... e aquêle maldito peão a girar, a girar numa dança infernal...

Se Bébé era uma morena bela como os amõres, de olhos cõr de sonho, negros como as noites de papões...

■ FIM ■

P
A
R
A
O
S
M
E
N
I
N
O
S
C
O
L
O
R
I
R
E
M



UM RASGO DE NOBREZA

POR FERNANDO A. SIMÕES

***** Desenhos de OLAVO *****



O reinado do magnânimo e fidelíssimo senhor D. João V, viviam na formosíssima provincia da Beira dois fidalgos cujos castelos se escondiam das vistas indiscretas no meio de duas espessas matas, nas quais, outrora, os seus senhores faziam de quando em quando fabulosas caçadas.

Um dêles, D. Rodrigo de Menezes, era um fidalgo da mais pura gêmea, representante duma antiqüíssima casa, que sempre, em todas as suas acções, se portava com perfeita galhardia.

Chamava-se o outro D. António Coutinho, e, não obstante a sua casa ter fôro de fidalguia, apenas desde o reinado de D. João IV, nunca ninguém o acusara dum acto incorrecto.

No entanto, apesar da sua visinhança e da lhaneza do seu porte, eram êstes dois fidalgos, dois inimigos irreconciliáveis.

Esta inimizade, que tivera origem no reinado de D. Afonso VI entre os pais dos actuais representantes das duas casas, fôra motivada numa questão de partilhas de uma propriedade, à qual ambos se julgavam com direito. Levada a questão perante os juizes, haviam êstes dado o triunfo a D. Diogo de Menezes, pai de D. Rodrigo.

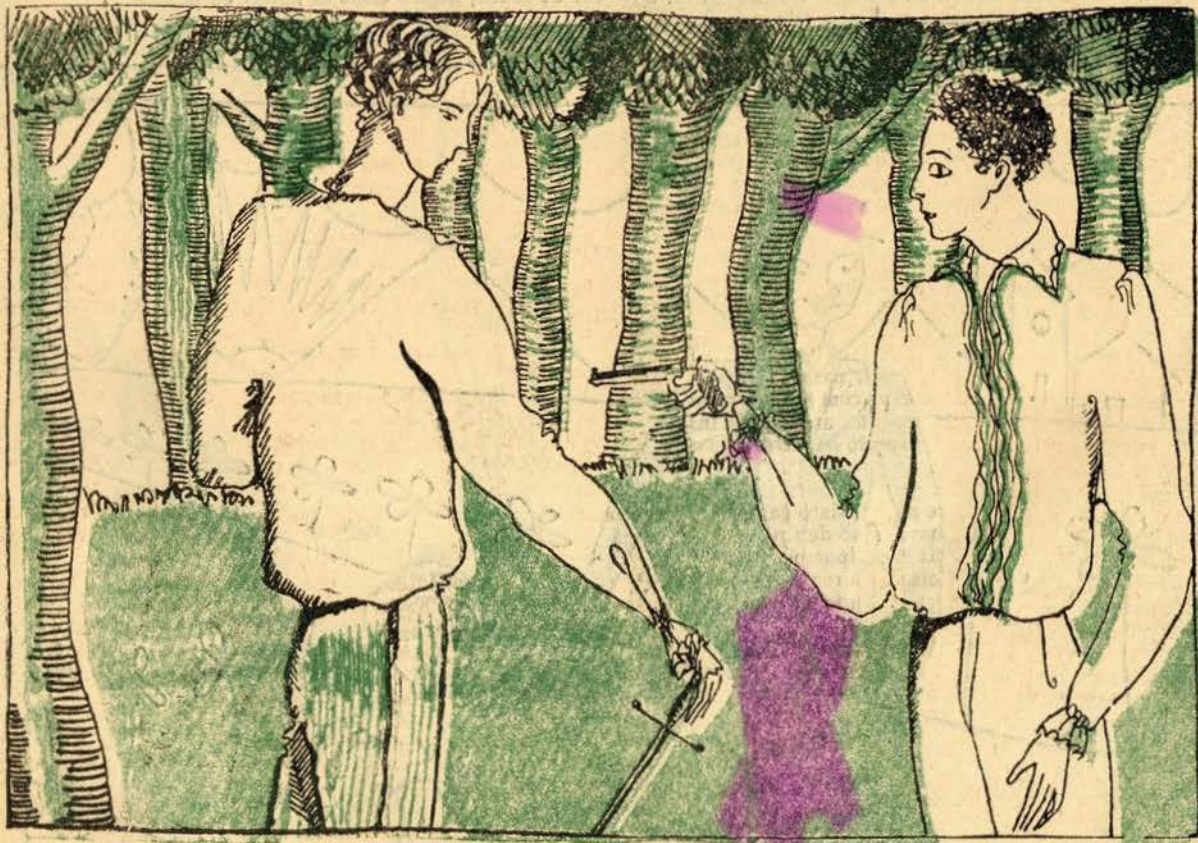
Despeitado, D. João Coutinho jurara não voltar a ter relações com o seu visinho, e nos mesmos princípios de ódio, educou seu filho António.

Na occasião em que se passa esta história, já D. Diogo e D. João tinham morrido, mas os filhos, levando a capricho o não cederem jámais, continuavam sempre as hostilidades, e D. João V, para obstar a ter de presenciar na sua côrte alguns factos desagradáveis, havia-os desterrado para as suas propriedades da Beira.

Tinha D. Rodrigo um filho, Luíz de Menezes, que não obstante a sua pouca idade, pois apenas contava 15 anos, mostrava já, em todos os seus actos, que lhe corria nas veias o sangue cavalheiresco dos seus antepassados.

Já assim não sucedia com Alvaro Coutinho, filho de D. António, pois as suas leituras de romances de cavalaria, o levavam a querer imitar os seus heróis, o que, quando as coisas lhe não corriam bem, o forçavam a actos indignos dum fidalgo, actos dos quais nem sempre vinha a arrependder-se. A sua vida limitava-se a três coisas: caçar, esgrimir e ler romances de cavalaria.

Muitas vezes, procurava seu pai, com doces palavras, desviá-lo da vida selvagem que levava e interessá-lo pelos estudos, embalde. D. Alvaro respondia-lhe com modos desabridos, saía a correr, montava no seu cavalo e só voltava à noite, isto quando pelo mais fútil pretexto não puxava da sua espada para com ela mimosear algum dos criados de seu pai, os quais nem sempre saíam sãos de semelhantes investidas.





Muito mais sossegado era D. Luís de Menezes, que seguia justamente o caminho que D. António Coutinho queria dar ao filho: o caminho de um sábio e de um herói.

Dividia êle as horas do dia em duas partes: uma para estudos... aguerridos, outra para estudos scientificos, e, se era certo que apesar de tão novo era já versadissimo em português, francês, latim, geografia e história, não era menos certo que numa redondeza de cinco léguas, ninguém lhe levava a palma no manejo da espada e do mosquete, e no modo de domar um cavallo, por mais selvagem que fosse.

* * *

Estava um dia de calor sufocante.

Pelas seis horas da tarde, nas frondosas matas do palácio acastelado de D. Rodrigo de Menezes, passeava um esbelto rapazinho: levava nas mãos um livro em cuja leitura parecia muito interessado. O sol, passando através os interstícios das árvores mimoseava com alguns raios os seus caracóis louros, e cercando-os duma aureola de luz, contribuía imenso para lhe dar o aspecto de herói de lenda, que apresentava.

Era D. Luís de Menezes.

Tão distraído estava que não ouvia o galope vertiginoso dum cavallo que se aproximava, e só deu por êle quando já não distava mais do que uns vinte passos.

Recuou bruscamente, pois, na direcção em que o cavallo vinha, ficaria decerto esmagado, tanto mais que seria quasi impossivel ao cavaleiro que o montava, fazê-lo parar rapidamente, atenta a enorme velocidade em que vinha.

No entanto, com grande espanto seu, o que não esperava deu-se, pois assim que passou pela sua frente, o cavaleiro puxou tão violentamente as rédeas que o cavallo, empinando-se até ficar na posição vertical, parou quasi instantaneamente.

D. Luís não poude deixar de reconhecer que devia ser um bellissimo cavaleiro quem aquilo fazia, mas o seu espanto aumentou quando viu que, em vez do homem vigoroso que esperava, saltava do cavallo um rapazinho que teria pouco mais ou menos a sua estatura e a sua idade.

— Olá, rapaz! dize-me se a caça abunda por êstes sitios pois visto que estás aqui, deves sabê-lo, exclamou o cavaleiro logo que se viu no chão.

D. Luís olhou para êle espantado: não estava habituado a que lhe falassem assim, e aquele intruso não tinha para isso direito algum. Por isso em vez de responder, perguntou:

— Sabeis vós, senhor, onde estais?

— Onde estou? Por minha fé, com que direito mo perguntas?

— Com o direito que tem o dono duma casa quando a vê invadida por estranhos.

— Mas então tu é que és o dono disto? Ah! Ah! Ah! Isso dá-me vontade de rir. Pois se o dono disto é meu pai!

— Isto... isto pertence a vosso pai, dissestes? Pois eu asseguro-vos que vos enganais! Esta mata que invadistes mais o vosso cavallo pertence única e exclusivamente a meu pai.

— A teu pai? E quem é êle? O rendeiro disto, naturalmente.

— Enganai-vos: meu pai é D. Rodrigo de Menezes, e eu sou seu filho Luís.

Ouvindo êstes dois nomes, o cavaleiro, em quem os leitores terão adivinhado D. Alvaro Coutinho, estremeceu, e pelos olhos passou-lhe um relâmpago mau.

— Oh! Tenho a honra de vos cumprimentar, exclamou êle, tirando irónicamente o seu chapéu de plumas; e aproximando-se disse por sua vez:

— Também eu quero que saibas com quem estás falando: meu pai é D. Antonio Coutinho e eu sou seu filho D. Alvaro.

O nome daquele inimigo de seu pai, deixou indiferente o pequeno fidalgo. Em tudo aquilo havia apenas um equívoco que era preciso desfazer. Por isso aproximando-se de D. Alvaro, colocou-lhe a mão sobre um dos ombros e exclamou:

— Vêde, portanto, que vos perdestes, pois o sitio onde estamos pertence a D. Rodrigo e não a D. António.

Ao sentir a mão de D. Luís sobre o seu ombro, D. Alvaro estremeceu, como se aquilo fôsse uma afronta, e retirando o corpo, exclamou:

— Alto aí, vilão! Um Coutinho não consentirá jamais que lhe coloque a mão sobre os ombros o representante

duma família que vive de roubar propriedades! A alusão à questão que dividia as duas casas era evidente... e insultuosa.

D. Luís assim o entendeu, pois lhe subiu ao rosto uma palidez cadavérica.

Mais habituado a obras da que a palavras, entendeu que todas as palavras seriam inúteis e só as obras teriam valor.

Aproximou-se de D. Alvaro, e nada dizendo, não fazendo um único gesto precipitado, levantou a mão e pespugou na cara do seu contendor uma tão violenta bofetada que este, perdendo o equilíbrio, se estatelava no chão, enquanto o som se repercutia pela extensa floresta.

*
*
*

Durante alguns momentos D. Alvaro permaneceu no chão, procurando, naturalmente, forças para resistir a semelhante vergonha, e quando se levantara cambaleava como um ébrio.

D. Luís não se incomodara sequer a apanhar o livro que lhe caíra, e esperava tranqüilamente o resultado de tudo aquilo.

Ao vê-lo tão socegado, numa posição que se lhe afigurou de desafio D. Alvaro sentiu que lhe aumentava a raiva de que estava possuído.

Do lado esquerdo pendia-lhe a sua espada; levou a mão até ela e afagou-a. Depois, de repente, puxou-a da bainha, e crescendo para D. Luís exclamou:

— Sangue! Isto... só com sangue se paga.

Ia, sem dúvida, matar D. Luís, tanto mais que este vinha desarmado, mas quando levantava a espada, quando se preparava para a deixar cair sobre a cabeça do seu adversário, ouviu a voz deste que lhe dizia, tranqüilamente:

— Se é que não sois um covarde, esperareis que eu venha armado, para que me possa defender.

Sentia D. Alvaro ganas de não esperar nem mais um momento para liquidar D. Luís; no entanto, como pertencia a uma época em que os próprios saltadores sentiam de quando em quando uns vislumbres de honra, exclamou:

— Pois seja. Amanhã, em sendo duas horas, esperar-vos hei aqui.

E montando o cavalo em que viera, espetou-lhe as esporas com tanta força, que o animal soltou um relincho de dor, e dando dois enormes saltos, em breve se sumiu das vistas de D. Luís de Menezes.

*
*
*

Vagarosamente, o filho de D. Rodrigo dirigiu-se para casa.

Custasse o que custasse, queria forçosamente aparecer no local combinado com o seu adversário, a fim de não ser por este, apelidado de covarde.

Como resolvera nada dizer a seu pai, a tarefa era um tanto ou quanto espinhosa, pois a hora combinada das que costumava consagrar ao estudo, e só mentindo conseguiria o seu intento.

Em todo o caso não hesitou, e no dia seguinte, depois do almoço, disse a seu pai que se sentia levemente indisposto, e não poderia, por isso, dar as suas lições.

No excesso do seu affecto paternal, temeu D. Rodrigo que fosse alguma coisa de gravidade, e instou com seu filho para que se deitasse, enquanto um dos creados iria chamar o médico da família, mas D. Luís assegurou-lhe que não tivesse receios, pois estava certo que com um passeio pelo bosque, respirando aquele ar tão puro, a sua indisposição havia forçosamente de passar.

Não sem custo, consentiu D. Rodrigo em fazer a vontade ao filho, e veio acompanhá-lo até à entrada do bosque.

D. Luís montava o seu formoso «Audaz», um lindo garanhão que seu pai lhe otrecera no dia dos seus anos. Pendia-lhe do arção da sela uma linda espada, com o cabo de ouro, cravejado com algumas pedras preciosas, a qual havia sido também presente de seu pai.

À luz do sol que iluminava sorridente aquele cavaleiro tão jovem, D. Luís apresentava um aspecto tão atraente, segurava as rédeas e montava o seu cavalo com tanto garbo e doaire, que D. Rodrigo não pôde ou não quis suster duas lágrimas de orgulho que lhe assomaram aos olhos.

Súbito, passou-lhe pela mente, como que o pressentimento dalguma desgraça, porque, com a voz um tanto ou quanto alterada, exclamou, antes de deixar seu filho partir:

— Luís, queres tu levar contigo o nosso velho António? Sabes que alguns dos nossos creados viram no outro dia dois animais que corriam velozmente, e que tinham todo o aspecto de lobos? Ficaria mais tranqüilo vendo-te ir acompanhado,

D. Luís estremeceu; se seu pai insistisse naquele desejo estava tudo perdido, foi, pois, com certo nervoso que respondeu:

— Não, meu pai. Serei prudente e não me afastarei demasiado. Além disso, tenciono galopar um pouco, e o cavalo do nosso bom António não agüentaria já uma corrida ao lado do meu bravo «Audaz». E depois, — acrescentou êle com certo orgulho, — eu sei servir-me da minha espada!

Com este argumento D. Rodrigo pareceu ficar convencido e deixou seu filho afastar-se. Como no entanto, não podia reprimir um certo mal estar, um como pressentimento dalguma desgraça irreparável, chamou o seu velho creado e pediu-lhe que desse no seu cavalo umas voltinhas pelo bosque, a fim de mais rapidamente poder socorrer seu jovem amo, se por acaso o encontrasse em perigo no decurso do seu passeio.

E só depois de o ver desaparecer no seu cavalo já um tanto trôpego, é que D. Rodrigo serenou um pouco mais, e se recolheu então ao castelo.

*
*
*

Pouco depois de chegar D. Luís appareceu D. Alvaro. Os dois adversários cumprimentaram-se com galhardia, e sem trocarem frases inúteis, pois apesar de tão jovens, achavam-se ambos ofendidos e entendiam que a única explicação possível era a que as suas espadas podiam fornecer, começaram a preparar-se para o duelo.

Despretenciosamente, o filho de D. Rodrigo, despira o seu gibão que encostara a uma árvore, e numa posição irrepressível, curvando um pouco para a frente o busto ágil e elegante, esperava que o seu adversário se puzesse, como êle, em guarda para dar início ao combate.

As duas pequenas lâminas cruzaram-se.

Logo de início, o filho de D. António atacou violentamente, esquecendo a arte para só empregar a força; no entanto, a sua espada encontrava sempre a de D. Luís, e quando avançava demasiado, a ponta da lâmina do seu adversário apparecia-lhe sempre defronte dos olhos, como uma terrível ameaça. Esta resistência, com que não contava, duplicou o furor de D. Alvaro, que se não pôde conter sem exclamar:

— Sangue de Cristo! A tua resistência enerva-me, mas, por minha fé, hás de levar depois de morto tantos golpes quantos me tens inutilizado!

Não conseguiu D. Luís reprimir um estremeamento, mas como única resposta, limitou-se a estender rapidamente o braço e petando um centímetro de aço da sua lâmina no pescoço do adversário.

Imediatamente, appareceu um fiozinho de sangue, deslizando pelo peitilho da camisa bordada de D. Alvaro:

Este soltou um berro de furor; os olhos, injectados de sangue, pareciam querer saltar-lhe das órbitas, e lia-se-lhe no rosto, o desejo feroz de furar, de espicaçar, de fazer em bocados todo o corpo de D. Luís. Mas este, sem um único momento perder o sangue frio, opunha com a sua espada uma tão forte barreira, que D. Alvaro sentia-se tremer de raiva impotente.

Mas eis que o filho de D. Rodrigo ataca novamente. Acabou de defender um terrível bote que lhe vinha direito à cabeça, e, sem dar tempo ao seu adversário para se defender, estende o braço com rapidez e pica-o no peito, donde começa, como no pescoço, a sair outro fio de sangue.

D. Alvaro não podia desesperar-se mais do que já estava; a sua raiva transforma-se numa cólera muda mas não menos violenta.

Mas... que faz êle? Quebra a sua espada nos joelhos; de um salto aproxima-se do seu cavalo; remexe febrilmente uma manta que ali trazia, e tira de debaixo dela... uma pistola!

Vendo que por meio da espada nada conseguia, D. Alvaro socorria-se daquela arma de fogo, que à cautela trouxera de casa.

COLABORAÇÃO INFANTIL



Por FERNANDO DIAS PIRES.

D. Luís contava só com a sua espada, e nem sequer lhe lhe passara pela mente que o vizinho fôsse tão desleal como o estava agora mostrando.

Nos olhos de D. Álvaro, leu o desejo feroz de o matar, e dispôs-se de ânimo sereno, a morrer.

Olhou, melancólico para a sua espada, agora inútil, e deixou-a cair. Aos seus olhos, vieram duas lágrimas que, silenciosas, lhe escorregaram pela cara abaixo, não de medo da morte, mas de tristeza, por ver que em Portugal, pátria de heróis, havia também quem fosse covarde e vil, com o seu adversário.

Este, que resolvera levar a covardia até ao fim, aproximou-se lentamente, e só parou, quando o cano da sua arma se encostou ao peito de D. Luís.

O infame, o covarde, receava perder o tiro, não obstante ser um bom atirador; não, assim era mais certo, não falhava com certeza.

D. Luís não podia fugir, nem essa idéa lhe passou pela cabeça; ele queria morrer, mostrando a D. Álvaro como sabia morrer um Menezes.

Mas o filho de D. António queria ser também cruel, e quiz prolongar o mais possível o sofrimento de D. Luís:

— Com que então, meu descendente de ladrões de propriedades, tiveste a ousadia incrível de me dares uma bofetada? Eu o disse: — Isto... só com sangue se paga! Não contente com essa proeza, ousaste resistir aos meus golpes e picaste-me duas vezes! Oh! Quizera que tivesses mil vidas para todas elas te arrancar! Mas não importa. Olha. Vê bem este céu, este sol, tam lindos, com que Deus dotou o ainda mais lindo rincão das Beiras! Abre bem os teus olhos, fixa-os bem, porque amanhã já os não verás.

Ouve lá, meu fidalgo de infernos, despediste-te de teu pai? Se te não despediste é pena, pois morrerás sem o tornar a ver!

A esta avalanche de palavras, D. Luís respondia apenas com o seu silêncio desprezador, mas à evocação de seu pai, tam bom, tam bom, tam seu amigo, estremeceu de dor, e não se poudo conter sem exclamar:

— Covarde! Miserável!

Uma onda de sangue passou pelos olhos de D. Álvaro, que se não sentiu capaz de esperar nem mais um minuto. Acentuou-se-lhe nos lábios o seu rictus de ferocidade, fitou bem o seu adversário, sempre com a arma encostada ao peito pô-la na direcção do coração... e...

Mas... que é isto? E' um furacão? É um terremoto? Não! É António, o creado de D. Rodrigo, que avança correndo com uma velocidade que só o desespero lhe pode dar, derrubando na sua passagem troncos e ramos, e saltando sobre os que não pode derrubar, gritando uma infinidade de improperios e maldições sobre o infame que ousa levantar a mão sobre o seu querido amo!

D. Álvaro fica por um instante paralizado de terror; mas logo reage: atria para longe a sua pistola; em meia dúzia de saltos apanha o seu cavalo, que perto dali andava pastando, e desaparece num momento das vistas de António e D. Luís.

Melancólico, pensativo, o filho de D. Rodrigo dirigia-se para casa, levando o cavalo a passo e ouvindo, sem responder, as infinitas perguntas que António lhe fazia.

— Céus! pensava, ele julgará que fui eu quem disse ao velho criado de meu pai que nos ficasse espreitando para em caso de perigo me acudir! E no entanto, Deus sabe bem que isso não é verdade, e que eu me esforcei até para evitar que meu pai mandasse alguém acompanhar-me. Enfim! Que hei-de eu fazer?

Súbito, parou, levando uma das mãos aos ouvidos, para se certificar de que eles o não iludiam. Esperou alguns segundos, até que um novo brado de — Socorro! — veio convencê-lo de que se não enganava.

— Dir-se ia que se encontra alguém em perigo, pensou: «Pois bem, irei ver o que é».

E mudando a direcção ao cavalo, partiu à desfilada, com grande espanto de António, que, nada tendo ouvido, não compreendia o porquê daquela reviravolta.

Em todo o caso, meteu a trote o seu cavalo, pois a galope era impossível, e foi seguindo sempre a mesma direcção que D. Luís.

Este galopou à vontade, durante uns bons dez minutos até que chegou a uma clareira, Ai, o que viu, quasi que lhe poz os cabelos em pé.

No chão estava estendido um cavalo que um formidável lobo mordia ferozmente, arrancando a cada dentada enormes fragmentos de carne que comia com avidéz; o pobre cavalo, já na agonia, estendia e encolhia as pernas, soltando enormes relinchos de dor, enquanto um outro lobo, que talvez não fosse mais pequeno que o primeiro, atacava violentamente um rapazinho, que, não possuindo armas algumas, se encostara a uma árvore, defendendo-se a pontapé, embora estivesse convencido de que aquilo não podia durar muito.

Mas quando D. Luís olhou para a cara dêle, ao terror succedeu a estupefacção; esse rapazinho era D. Álvaro.

Num relance, compreendeu que toda e qualquer demora poderia ser prejudicial para o seu adversário de há pouco. Por isso, quando D. Álvaro, que ainda o não vira, soltou um novo e ainda mais angustioso brado de — Socorro! — D. Luís, esquecendo todas as injúrias que de D. Álvaro tinha recebido, esquecendo que não havia ainda meia hora que ele o quizera «assassinar», por um processo atrozmente covarde, esquecendo enfim, tudo o que não fôsse o perigo que ele agora corria se lhe não acudisse, puxou da sua espada, e, num enorme rasgo de nobreza, precipitou-se para o meio da clareira, e com risco da própria vida, pois tinha de voltar as costas a um dos lobos, a acou furiosamente o que procurava saltar sobre D. Álvaro,

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO



A verdadeira história do Pum

(Continuação da página 1)

meses e ele ainda não arranjava dinheiro para pagar o enterro. Tinha gasto os últimos vintens num negócio infeliz de bolsa e estava muito atrapalhado da sua vida. Se ao menos tivesse dez contos de reis, pagava o que devia e ainda lhe sobrava o suficiente para levantar a sua fortuna com um negócio de bolsa que tinha em vista e que não podia falhar de modo algum. Rapidamente o Pum pensou que se lhe

tecer mais tarde — fez o juramento pedido, que, para ele, era o mais sagrado que podia haver.

Mal sabia o Pum em que nova complicação se tinha metido.

O Pum saiu, muito alegre por se ter visto livre da ma-landragem dos Irmãos da Morte, e dirigiu-se logo a casa do Anastácio afim de procederem à partilha dos lucros.

Colocaram o dinheiro todo num monte e começaram a dividi-lo em dois montes iguais, porque o Pum não tinha aprendido a fazer contas enquanto estudara para advogado. Quando tiveram o dinheiro todo dividido e se consideravam



apresentava ali uma ocasião excepcional para passar as notas falsas e ao mesmo tempo fazer uma boa acção. Combinou então com o amigo que seria ele o capitalista do projectado negócio e que os lucros seriam divididos a meias.

O amigo aceitou logo o contracto, com lágrimas nos olhos e abraçou o Pum, chamando-o de querido irmão.

No dia seguinte foram os dois para a Bolsa afim de realisar o que tinham combinado. O Anastácio era com efeito um verdadeiro mestre naquela espécie de negócio, e, ao fim do dia, já tinha transformado os cinquenta contos falsos em trescentos verdadeiros.

Nessa noite, o Pum foi entregar ao Pote o dinheiro que se comprometera a passar, pedindo ao mesmo tempo que o desligassem da quadrilha porque tinha resolvido casar e levar vida séria. O Pote, desconfiado de que o Pum o denunciaria mais tarde ou mais cedo, obrigou-o a jurar pela saúde da sua mãe, que ele nunca denunciaria os seus antigos cúmplices, acontecesse o que acontecesse. O Pum — que não podia adivinhar as coisas terríveis que lhe iam acon-

satisfeitos de parte a parte, o Pum foi muito contente comprar os remédios para a sua pobre mãe que estava so-trendo, com mais febre.

Porém, esperava-o uma desagradavel surpresa: Ao chegar a casa encontrou tudo num grande alvoroço, os móveis fóra do seu lugar, os armários abertos com as roupas espalhadas pelo chão, e lá ao fundo da casa a discutir acaloradamente com a sua pobre mãe, estavam dois homens muito fortes, com grandes bigodeiras e bengalões de marmeleiro. Antes que o Pum tivesse tempo de articular uma palavra, os homens voltaram-se para ele e gritaram à queima roupa: 'E' o sr. Pum, não é verdade? — Pois está preso!

CONTINUA
NO
PRÓXIMO
NUMERO